

A MODA EM AMBIENTE DE CÁRCERE: REFLEXÕES SOBRE PROGRAMA MULHERES MIL E O PROJETO “O PONTO FIRME”

Lima, Márcio Soares; Doutorando; Universidade Federal de Santa Catarina, marcio.lima@ifma.edu.br¹

Santos, Camila Andrade dos; Professora; Instituto Federal do Maranhão - IFMA, camila@ifma.edu.br²

Figueiredo, Luiz Fernando Gonçalves de; Professor; Universidade Federal de Santa Catarina, lffigueiredo2009@gmail.com³

Núcleo de Abordagem Sistêmica do Design - NASDesign⁴

Resumo: Este estudo⁵ aborda o papel da moda como ferramenta de reabilitação social nos projetos "Mulheres Mil" (MA) e "Ponto Firme" (SP). O objetivo é explorar como o ensino de moda em ambientes de cárcere pode promover reintegração social. A metodologia utilizada foi o estudo de caso múltiplo, comparando os impactos dos dois projetos. Os resultados indicam que a moda fortalece a autoestima, o senso de pertencimento e competências profissionais. Conclui-se que essas iniciativas contribuem para a transformação social e a redução da reincidência criminal, apesar das limitações do ambiente.

Abstract: The This study addresses the role of fashion as a tool for social rehabilitation in the "Mulheres Mil" (MA) and "Ponto Firme" (SP) projects. The aim is to explore how fashion education in prison environments can promote social reintegration. The methodology used was a multiple case study, comparing the impacts of the two projects. The results indicate that fashion strengthens self-esteem, a sense of belonging, and professional skills. It is concluded that these initiatives contribute to social transformation and the reduction of criminal recidivism, despite the limitations of the environment.

¹ Professor do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, na área de Vestuário e Moda; mestre em Design pela UFMA e doutorando na UFSC desenvolvendo pesquisa aliando design, políticas públicas e mulheres em zona de vulnerabilidade social.

² Graduada e mestre em design pela Universidade Federal do Maranhão. Doutoranda em Design pela Universidade de Lisboa. Professora do Departamento de Design do Instituto Federal do Maranhão, onde é líder do Grupo de Pesquisa Teia Design Lab: Transformar por meio da extensão, inovação e aprendizagem em Design.

³ Professor na UFSC, com doutorado em Engenharia de Produção e pós-doutorado em Tecnologia Ambiental. Coordena o NASDESIGN e pesquisa Design e Inovação Social com foco em sustentabilidade. Lidera grupo de pesquisa em Abordagem Sistêmica do Design

⁴ Caso o artigo seja resultado do trabalho de um grupo de pesquisa, o nome do grupo deve estar indicado abaixo dos nomes de autores e coautores e ser idêntico ao registrado no diretório dos grupos de pesquisa do Brasil/CNPq.

⁵ Esta pesquisa conta com o agradecimento e financiamento da Bolsa FAPEMA/2023 a 2025.

Moda e reintegração social: iniciativas Transformadoras no cárcere – uma introdução

A moda, enquanto fenômeno social e cultural, tem sido amplamente estudada por seu papel na construção de identidades e como um meio de expressão individual e coletiva. Nesse sentido, Sant'Anna (2007) afirma que a moda é uma linguagem visual que comunica valores, identidades e aspirações. Já Lipovetsky (2009) afirma que a moda é um elemento essencial da coletividade, independente de conteúdos específicos, e todos são suscetíveis à sua essência, movidos pelo encanto da novidade e pelo entusiasmo do novo. Em contextos de encarceramento, o ensino da moda, como nas experiências aqui destacadas, assume uma função ainda mais complexa, atuando como um veículo para a reabilitação e reintegração social dos detentos.

O objetivo deste trabalho foi o de analisar o ensino e as práticas de moda como instrumentos de reabilitação e reintegração social em contextos de cárcere, conforme a Lei de Execuções Penais (Lei nº 7.210 de 1984). Explora, por tanto, a interseção entre moda, produção artesanal e transformação social, a partir de dois projetos: "Mulheres Mil" (MA) e "Ponto Firme" (SP). Ambos os projetos utilizaram práticas de moda como ferramentas para transformar as vidas de detentos e detentas, promovendo a autoestima, o senso de pertencimento e a aquisição de novas competências.

Este estudo incorpora, também, reflexões sobre contranarrativas epistemológicas no design, inovação social, relacionalidade e práticas decoloniais advindas dos processos desenvolvidos durante os projetos, proporcionando uma análise abrangente e crítica das implicações das referidas ações num contexto social e cultural mais amplo.

A relevância deste estudo reside na necessidade de expandir o entendimento sobre o papel do ensino e prática da moda na reabilitação de indivíduos marginalizados, evidenciando sua capacidade de ressignificar identidades e oferecer novas perspectivas de vida. A análise dos projetos "Mulheres Mil" - por nós realizado - e "Ponto Firme" - por nós analisado a partir da obra documental O Ponto Firme (2019), serve como base para a investigação, ambos demonstrando como práticas artesanais e de moda podem transcender sua função estética e atuar como catalisadores de transformação social em contextos prisionais.

O artigo está estruturado em quatro seções principais. Na primeira, apresentamos o referencial teórico que fundamenta a discussão sobre a relação entre moda, identidades feminina e masculina e colonialidade, além de uma descrição sobre os projetos estudados. Em seguida, detalhamos a metodologia utilizada, um estudo de caso múltiplo. A terceira seção discute os resultados encontrados, comparando os impactos dos projetos analisados e destacando a moda como um instrumento de reabilitação e inovação social. Finalmente, as considerações finais,

que sintetizam as descobertas e ressaltam a importância de políticas públicas que utilizem a moda como ferramenta de inclusão e justiça social.

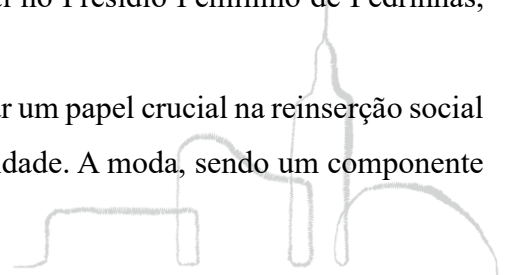
A mulher e a moda

A moda tem desempenhado um papel crucial na construção e expressão da identidade feminina ao longo dos séculos, refletindo tanto normas sociais dominantes quanto resistências culturais. Entretanto, a relação entre a mulher e a moda foi historicamente marcada por um viés colonial, que impôs padrões eurocêntricos de beleza e comportamento, subjugando corpos e identidades femininas diversas. Sob uma perspectiva decolonial, torna-se essencial valorizar práticas vestimentares autônomas e saberes locais, particularmente das mulheres negras e indígenas, rompendo com paradigmas hegemônicos e promovendo uma moda que reconheça e celebre a diversidade cultural. Tais práticas vêm, em geral, de fazeres artesanais e não hegemônicos, que envolvem o saber fazer a mão, com técnicas muitas vezes aprendidas de geração em geração. A decolonialidade da moda, por tanto, propõe uma ruptura com os paradigmas hegemônicos ao reconhecer a importância das tradições têxteis, artesanais e estilísticas das comunidades periféricas. Autoras como Lugones (2014) defendem que a moda decolonial deve atuar como um campo de resistência, onde as mulheres possam reapropriar-se de suas identidades culturais e expressar-se por meio de uma moda que reflète suas histórias e vivências, em vez de seguir padrões impostos de fora.

Segundo Quijano (2000), o processo de colonialidade do poder perpetuou a subjugação de corpos e identidades, especialmente o feminino, por meio de uma moda que padroniza e silencia a diversidade cultural. A moda, assim, tornou-se um mecanismo de controle que restringe a liberdade das mulheres ao impor ideais de beleza e comportamento que muitas vezes não correspondem às suas realidades.

Neste sentido, a moda, quando analisada a partir de uma ótica decolonial, revela-se como um espaço de disputa e emancipação. Ao desafiar os cânones ocidentais e reconhecer o valor das práticas vestimentares locais, a moda pode se tornar um instrumento de empoderamento e resistência para as mulheres. Como argumenta Segato (2016), é fundamental que a moda decolonial repense as estruturas de poder e promova um diálogo intercultural que valorize a diversidade e a pluralidade de expressões femininas. Dessa forma, a relação entre mulher e moda pode transcender os limites do colonialismo, possibilitando uma prática mais inclusiva e libertadora. Neste sentido é que foram trabalhadas as práticas durante o curso de Produção Artesanal no Presídio Feminino de Pedrinhas, ação a ser descrita mais adiante.

De acordo com Benstock e Ferriss (2002), a moda pode desempenhar um papel crucial na reinserção social dessas mulheres após o confinamento, ajudando-as a reconstruir sua identidade. A moda, sendo um componente



fundamental da contemporaneidade, tem o poder de criar personalidades, produzir tendências e ditar comportamentos, o que pode ser essencial na vida dessas mulheres ao proporcionar condições de aprendizado e desenvolvimento (Benstock e Ferriss, 2002).

Porém, como Coelho (1995) observa, a moda está profundamente ligada ao consumo, e isso apresenta uma barreira significativa para as presidiárias, que geralmente não têm recursos financeiros para acompanhar as tendências. Portanto, o texto sugere uma investigação mais profunda sobre como essas mulheres se relacionam com a moda, considerando as restrições impostas pelo contexto de confinamento. Nesse aspecto, o texto descreve também mais adiante, como essas variáveis foram tratadas durante o curso.

O homem e a Moda

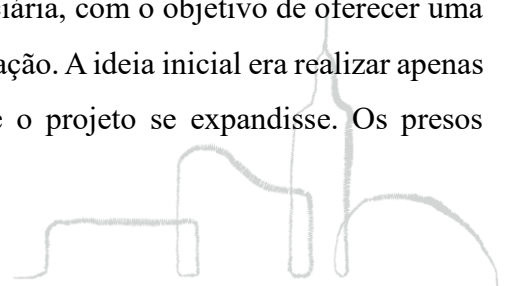
A relação entre presidiários homens e a moda pode ser analisada através de um prisma antropológico que considera a moda como um sistema de significados e expressão de identidade, mesmo em contextos de privação de liberdade. No ambiente carcerário, a moda transcende o vestuário e se torna uma forma de comunicação, resistência e reconstrução da identidade masculina, muitas vezes renegociada dentro dos códigos sociais do cárcere.

Segundo o antropólogo Ted Polhemus (1994), a moda não é apenas uma prática estética, mas um fenômeno social profundamente conectado à identidade e ao status. No contexto prisional, a moda pode ser entendida como uma estratégia de empoderamento e subversão, onde o estilo e o cuidado pessoal se tornam formas de reivindicar agência e dignidade. Nessa linha, Erving Goffman (1963) em seu estudo sobre estigmas sociais, menciona como os indivíduos estigmatizados constroem estratégias de gerenciamento de impressões que podem incluir a manipulação da aparência e do vestuário.

Em relação aos homens, como descrito sobre o projeto Ponto Firme, a moda que em geral é tratada como sendo do universo feminino, aponta caminhos para contestar esse paradigma, assim como traz noções sobre como o homem pode atuar no ambiente de moda, não só num contexto de uso, mas também de produção.

O Projeto Ponto Firme

O Projeto Ponto Firme teve início em 2015 dentro de uma penitenciária, com o objetivo de oferecer uma oportunidade de aprendizagem de um ofício para os detentos após sua liberação. A ideia inicial era realizar apenas alguns encontros, mas a grande demanda por aprendizado fez com que o projeto se expandisse. Os presos careciam de atividades produtivas para ocupar seu tempo de forma útil.



Segundo o filme documentário realizado sobre o projeto, intitulado O Ponto Firme (2019), Gustavo Silvestre, um artesão e estilista, começou a ensinar crochê aos detentos da Penitenciária Desembargador Adriano Marrey, em Guarulhos, São Paulo. Inicialmente, os detentos produziam itens para casa, como tapetes e toalhas. Com o tempo, uma coleção de moda foi desenvolvida, com o apoio da empresa Círculo, que fornece todo o material necessário para o curso de crochê. (Bezerra, 2023).

O Projeto atendeu mais de 130 detentos desde o seu início em 2015 até 2019, período em que esteve em operação dentro do Centro de Detenção Provisória de Guarulhos II, em São Paulo. O projeto, idealizado pelo designer e professor Gustavo Silvestre, teve como foco principal ensinar crochê aos detentos, proporcionando-lhes uma atividade produtiva e uma oportunidade de reintegração social. A iniciativa começou com a expectativa de realizar apenas alguns encontros, mas a grande procura e o entusiasmo dos presos pela aprendizagem do ofício levou à sua expansão. (O Ponto Firme, 2019)

A partir daí o Projeto Ponto Firme (2019) acabou sendo reconhecido como um exemplo de ressocialização por meio da arte e do trabalho manual, permitindo aos participantes desenvolverem habilidades que poderiam ser utilizadas para obter renda após a liberação, além de oferecer uma forma de expressão criativa e um propósito durante o tempo de encarceramento.

O Programa Mulheres Mil

Em 2011, o Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - em parceria com a Defensoria Pública do Estado (DEPE/MA), o Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA) e a Secretaria do Estado de Justiça (Sejap) - implementou dois cursos de Formação Inicial e Continuada no Complexo Penitenciário de Pedrinhas. A Parceria objetivou oferecer qualificação profissional para as internas do Sistema Penitenciário do Estado. O curso de qualificação, para além do trabalho positivo na ressocialização e possibilidade de reinserção no mundo do trabalho, a participação também possibilitou remissão das penas. A cada três dias de capacitação, um dia seria reduzido de suas penas.

O curso, ministrado na própria penitenciária pelos professores do IFMA da área do Design, predominantemente, tinha 180 horas e durou 9 meses, com um encontro semanal que atendeu cerca de 25 mulheres. Um destes cursos foi o de Produção artesanal, com disciplinas que incluíam Teoria das Cores, Embalagem, acabamento e apresentação, aproveitamento de resíduos e produção limpa, e Técnicas de Customização de Roupas (estamparia, apliques, bordados), além do crochê, em que se produziam, também, tapetes de fio de barbante. Para além das técnicas em tecido, o curso também incluiu técnicas em papel, produção de caixas e velas artesanais. Para além dos módulos de base técnica, o curso também era composto por módulos

como: Lei Maria da Penha: um dever, um direito; educação para a paz, empreendedorismo; comportamento no mercado de trabalho e de volta a sociedade, e agora?, contando com professores do Instituto de outras áreas, como de filosofia.

O curso, a partir da identificação das habilidades prévias das alunas no fazer artesanal, buscou capacitar e estimular a criatividade e o empreendedorismo. A dinâmica da parte prática funcionou como uma oficina de criação em que as alunas tinham todo o material disponível e a orientação das professoras.

Como as questões são tratadas

A metodologia adotada é um estudo de caso múltiplo, que, segundo Gil (2008), é um tipo de pesquisa que envolve a análise detalhada de dois ou mais casos dentro de um mesmo estudo. Esse tipo de estudo é utilizado quando se deseja comparar, contrastar ou generalizar descobertas a partir de diferentes casos. A principal vantagem do estudo de caso múltiplo é que ele permite uma compreensão mais robusta do fenômeno em questão, já que a comparação entre os casos pode revelar padrões, semelhanças e diferenças importantes. Essa metodologia é particularmente útil em situações em que o pesquisador deseja investigar se os resultados obtidos em um caso podem ser replicados ou se variam significativamente em diferentes contextos.

Para analisar o que vimos presencialmente no cárcere com as alunas do Programa Mulheres Mil e o que percebemos ao assistirmos o documentário O Ponto Firme, nos valem da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), onde entendemos ser essencial realizarmos uma leitura completa do que tratam os dois projetos para entender o tema principal, que neste caso é a utilização da moda e do artesanato como ferramentas de reabilitação social em contextos prisionais. O próximo passo foi identificar as unidades de análise, que incluem as práticas de moda e artesanato, os projetos discutem os impactos sociais e emocionais relatados. Com base nessas unidades, foi importante criarmos categorias de análise, como transformação social, inovação social e sustentabilidade, identidade, relacionalidade e práticas decoloniais.

A análise de conteúdo envolveu codificar o texto, marcando e organizando trechos relevantes de acordo com as categorias definidas. Isso permite examinar como as práticas de moda e artesanato influenciam a autoestima e a reintegração social dos participantes. A interpretação dos resultados destacou as implicações práticas, como as melhorias na autoestima e no senso de comunidade observadas nos projetos, além de considerar as limitações, tais como a discriminação, duração dos cursos e ausência de recursos para continuidade.

A análise buscou verificar se a moda é ferramenta eficaz para a reabilitação e reintegração social dos detentos e detentas, a partir dos dados dos projetos. Além disso, a partir das análises, sugerimos melhorias para

os projetos analisados e perspectivas futuras de pesquisas, tentando fomentar uma compreensão mais profunda e um aprimoramento contínuo das práticas estudadas.

Esta pesquisa tem uma abordagem descritiva e qualitativa, segundo Gil (2008), pois interpreta e analisa eventos passíveis de exploração e, em suas aplicações, permite que tanto as mulheres aqui pesquisadas, no contexto do Programa Mulheres Mil, quando os pesquisadores, estabelecem uma conexão direta com o tema em questão. Sua natureza aplicada visa gerar conhecimento para práticas dentro da comunidade específica estudada.

Quanto ao objetivo, é exploratório e descritivo, pois, como Gil (2002) destaca, a pesquisa investigativa não só coleta dados e registra características específicas de um grupo, mas também oferece uma compreensão significativa do problema por meio de comunicação próxima e direta.

Os dados foram coletados por meio de observação direta dos projetos "Mulheres Mil" e nossas reflexões a partir da nossa análise sobre o documentário "O Ponto Firme". Este artigo, organizamos os resultados segundo a análise conteúdo Bardin (2011), composto por três etapas principais: pré-análise; exploração do material, onde foram transcritas e interpretados os dados, respeitando as categorias que eram mais acionadas. Posteriormente, os dados foram examinados e debatidos.

Além disso, a pesquisa que originou este escrito também se apoiou em textos que incluem trabalhos sobre moda, inovação social, e teorias decoloniais. Isso permitiu uma melhor contextualização sobre o tema, essencial para a compreensão das implicações mais amplas dos projetos estudados.

Resultados e discussões: estudo de caso múltiplo

Os projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme" demonstram como a moda pode transcender sua função estética e atuar como um catalisador de reabilitação social em ambientes de cárcere. A moda, ao ser aplicada em práticas artesanais de produção, permite aos detentos expressar suas identidades, suas capacidades criativas e reconstruir sua dignidade, desafiando as narrativas negativas associadas a sua situação. Além disso, esses projetos evidenciam a importância da inovação social e da sustentabilidade, capacitando indivíduos marginalizados a transformar suas vidas por meio da cocriação e da colaboração. A relacionalidade (Escobar, 2016), por sua vez, emerge como um elemento central, conectando os detentos às suas comunidades, já a abordagem decolonial no ensinar e fazer, ressignifica, suas experiências. Dessa forma, moda, inovação e relacionalidade convergem para criar oportunidades de reintegração social, reduzindo a alienação e as taxas de reincidência criminal, conforme observado na narrativa do documentário estudado.



Moda e Reabilitação Social

Conforme Lipovetsky (2009), a moda é um elemento coletivo que não depende de conteúdos específicos. Todos podem ser influenciados por ela, através do fascínio pela novidade e pelo moderno. A moda, portanto, pode agregar valor e se conectar a diversas perspectivas, desde a história e a arte até o contexto prisional. Ela oferece um espaço para que o indivíduo expresse quem é, o que gosta e o que deseja mostrar no contexto social em que está inserido.

Nessa perspectiva, cada peça de roupa confeccionada no ambiente carcerário reflete a identidade de seu criador ou criadora. Cada ponto é feito de maneira única, tornando cada aluno ou aluna e suas obras, autênticos. Assim, as roupas produzidas pelos presos e presas, expressam quem eles são e o que estão vivendo naquele momento.

Por isso, a sociedade precisa entender a importância de apoiar a educação formal, incluindo a educação profissional para apenados. Os detentos podem, sim, melhorar sua vida por meio da moda e do cenário sociocultural que ela proporciona, adquirindo dignidade, sendo influenciado de maneira positiva, conforme experiências aqui narradas e analisadas.

A moda tem um papel fundamental na construção de identidades e na comunicação de valores e aspirações, como destacado por Lipovetsky (2009). Nos projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme", a moda é utilizada não apenas como uma forma de expressão estética, mas como uma ferramenta de transformação social. Através de práticas como o crochê e o artesanato, os detentos têm a oportunidade de expressar suas identidades de maneiras que desafiam as narrativas dominantes sobre criminalidade e encarceramento.

O documentário "O Ponto Firme", por sua vez, enfatiza a importância do artesanato como uma forma de reabilitação para detentos masculinos. Ao envolver-se na produção de roupas e acessórios, os participantes do projeto não apenas desenvolvem habilidades técnicas, mas também experimentam um sentido renovado de comunidade e pertencimento. Essas atividades coletivas ajudam a reduzir a alienação e a violência dentro do presídio, criando um ambiente mais colaborativo e menos punitivo.

Esses exemplos evidenciam como a moda, quando inserida em um contexto de encarceramento, pode atuar como uma ferramenta poderosa de transformação social, promovendo a reintegração dos detentos na sociedade e reduzindo as taxas de reincidência criminal.

Essa iniciativa ofereceu aos detentos, que geralmente cumprem pena por crimes como roubo, tráfico de drogas e assaltos, a possibilidade de aprender uma profissão quando deixassem o presídio. Além desse ganho, o Projeto Ponto Firme fomenta outras possibilidades, como a participação constante nas edições do São Paulo Fashion Week.

Outro ganho importante está relacionado a redução de pena pela participação em cursos. Segundo a Lei de Execução Penal, em seu artigo 126, parágrafo primeiro, incisos I e II, a cada 12 horas de estudo, a pena é reduzida em um dia. Isso vale para estudos em níveis fundamental, médio, superior ou profissionalizante, como é o caso dos Projetos analisados neste trabalho. Além disso, a cada três dias de trabalho, a pena também é reduzida em um dia. Estudar é, portanto, a opção mais viável para os presos, além disso, projetos como esse, de qualificação profissional para apenados, pode abrir portas para uma profissão futura.

A Lei de Execuções Penais (Lei nº 7.210 de 1984) tem o intuito de oportunizar situações as quais possibilitem os presos de obterem uma integração social. Todavia, a superlotação dos presídios gera um descontrole que acarreta danos tanto para os aprisionados como para seus familiares, para os agentes, e também, para a comunidade em si. Afirmar Dassi (2007), que a Lei de Execuções Penais quando fala sobre a saúde dos aprisionados, no artigo seu 14, assegura que o preso tem por obrigação do Estado a assistência à Saúde, contudo, não é obedecido. Ainda nessas condições, Luzyana Silva (2020), corrobora dizendo que existe falência nas unidades prisionais e o super encarceramento é consequência disso.

Inovação Social e Sustentabilidade

Ezio Manzini (2008) argumenta que a inovação social é essencial para enfrentar os desafios sociais e promover a sustentabilidade. Os projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme" exemplificam como a moda pode ser utilizada como uma ferramenta de inovação social, criando novas oportunidades econômicas e sociais para indivíduos marginalizados.

Esses projetos não apenas capacitam os detentos a adquirir novas habilidades, mas também promovem mudanças de comportamento que têm o potencial de transformar suas vidas e suas comunidades. A inovação social, nesse contexto, é vista como um processo dinâmico, que envolve a co-criação e a colaboração entre todos os atores envolvidos.

Um exemplo claro disso é a maneira como o "Mulheres Mil" trabalha com mulheres em situações de vulnerabilidade social, capacitando-as para romper com padrões de vida dominantes e criar novas oportunidades econômicas e sociais. Ao promover a sustentabilidade e a inovação social, esses projetos contribuem para a criação de um futuro mais justo e equitativo, onde todos têm a oportunidade de prosperar.

No âmbito do curso do Mulheres Mil, o objetivo foi que as alunas pudessem explorar suas criatividade e, a partir disso, criar soluções sem que houvesse uma reprodução de produtos iguais. Sendo assim, cada aluna, imbuída de seu *know how*, criou sua própria linha de produtos. Os produtos criados pelas detentas eram vendidos

pelas próprias, com auxílio de familiares. As detentas recebiam, inclusive, encomendas. Essa prática já existia antes do curso e foi impulsionada durante ele.

Segundo o documentário *O Ponto Firme* (Goifman, 2019), o diretor educacional do sistema prisional, Igor Rocha, foi um grande incentivador dessa arte, o que demonstra que o incentivo da gestão do presídio foi importante para o bom andamento do projeto.

O Projeto Ponto Firme ganhou destaque e, em 2022, desfilou pela quinta vez no São Paulo Fashion Week. Esses desfiles representam uma grande motivação para os detentos, pois mostram ao mundo o resultado de seu trabalho, enchendo-os de orgulho e contribuindo para afastá-los do crime.

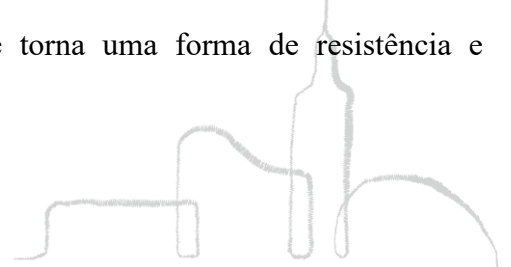
Durante a pandemia, segundo Bezerra (2023), o projeto se destacou ao produzir peças sustentáveis feitas com embalagens plásticas de alimentos, uma técnica desenvolvida pelo aluno Daniel Tavares. Muitos detentos levam o crochê para dentro das celas, utilizando-o como uma forma de distração e para ajudar a passar o tempo. A maioria dos participantes nunca havia tido contato com o crochê antes do curso, mas rapidamente aprenderam e se destacaram na produção desse artesanato.

Identidade, relacionalidade e Práticas Decoloniais

A relacionalidade, conforme discutida por Escobar et al. (2024), é um conceito central para entender as práticas de design que promovem a sustentabilidade e a justiça social. A relacionalidade enfatiza a interconexão entre indivíduos e o mundo ao seu redor, sugerindo que todas as ações têm impactos que reverberam através das comunidades e ecossistemas.

Nos projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme", a relacionalidade é manifesta na maneira como os detentos se envolvem com as práticas de moda e artesanato. Essas práticas não são apenas uma forma de expressão pessoal, mas também uma maneira de reconectar os detentos com suas comunidades e com a sociedade em geral.

Ao adotar práticas de design que reconhecem e valorizam a relacionalidade, esses projetos promovem a reabilitação dos detentos, oferecendo-lhes novas formas de se relacionar com o mundo e com eles mesmos. Essa abordagem decolonial é particularmente importante no contexto de encarceramento, onde as estruturas de poder tradicionais frequentemente desumanizam e marginalizam os detentos. No documentário "O Ponto Firme", vemos como os detentos utilizam o crochê para reconstruir suas identidades e expressar emoções, revertendo a estigmatização através da criação de algo belo e significativo. Esse processo ecoa os conceitos de Michel Foucault sobre biopoder, onde a moda, mesmo em um ambiente restritivo, se torna uma forma de resistência e ressignificação do corpo e da subjetividade.



Considerações Finais

Embora os projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme" tenham demonstrado resultados positivos, é importante reconhecer as limitações e desafios que eles enfrentam. A discriminação social e o estigma associados ao encarceramento continuam sendo barreiras significativas para a reintegração dos detentos na sociedade. Além disso, a curta duração dos cursos oferecidos limita o impacto a longo prazo dessas iniciativas.

Com o fim do curso do Programa Mulheres Mil e consequente finalização da parceria, não sabemos se as detentas puderam continuar produzindo, inclusive por que o material do curso foi disponibilizado pelo IFMA e o fornecimento findou ao final do projeto. O curso que objetivava um preparo para o mercado de trabalho impulsionou uma atividade que já era realizada pelas detentas: a de comercialização de produtos realizados por elas. Não tivemos informação sobre os impactos do curso após a sua finalização.

No entanto, esses desafios também sublinham a importância de políticas públicas e projetos privados que utilizem a moda e o artesanato como ferramentas para a reabilitação social. É essencial que essas iniciativas sejam apoiadas por políticas públicas que reconheçam o valor da moda como uma ferramenta de transformação social e que promovam a inclusão e a justiça social.

O Estado, porém, não se preocupa tanto com o bem-estar dos detentos e não oferece perspectivas concretas para sua ressocialização. Mesmo após cumprirem suas penas, os estes continuam sendo vistos com desconfiança pela sociedade, que, por sua vez, reflete a postura do Estado ao não oferecer suporte ao egresso.

Como implicações práticas e sociais, destacamos os impactos como a autoestima, atribuídos à forma de como os participantes dos projetos veem a moda, não apenas como roupa ou acessório. Para corroborar essa ideia, acionamos Lipovetsky (2009), afirmando que a moda não é apenas uma maneira de se vestir, mas um modo de ser, uma expressão do individualismo moderno e da cultura; nos Projetos, os detentos e detentas demonstraram melhorias no senso de comunidade, ao realizar tarefas juntos, compartilhando equipamentos, ferramentas e ideias. O crochê e o artesanato serviram como uma forma de expressão criativa e escape da realidade do cárcere, além da criação de um sentimento de pertencimento e a aquisição de novas competências, que auxiliaram na reintegração social dos detentos, com potencial para diminuir a reincidência criminal. Como descobertas, relataram melhoria no bem-estar emocional.

De acordo com Bezerra (2023), a moda pode contribuir e ser associada a várias perspectivas, desde a história, o artesanato até o contexto prisional. A moda oferece um meio para os indivíduos expressarem suas identidades, preferências e intenções no contexto social em que estão inseridos. Assim, a maneira como os presos produzem algo não só expressa suas identidades, mas também revela suas vivências e experiências naquele momento específico.

Como Limitações, percebemos o fator discriminação, além do curto tempo de duração dos cursos. Ilustramos a importância de iniciativas que utilizem a moda/produção artesanal/customização como meio de promover a reabilitação e a reintegração social. Políticas públicas e projetos privados que incorporam essas práticas são essenciais para proporcionar novas oportunidades e transformar vidas dentro e fora dos presídios. Assim, a ressocialização é de extrema importância no contexto do cotidiano dos presos. O encarceramento não deve ser a única forma de punição; os direitos dos detentos devem ser respeitados. A moda, segundo Bezerra, (2023), desempenha um papel transformador, despertando o interesse dos presos em aprender e oferecendo uma alternativa ao envolvimento com o crime. Entendemos, portanto, que moda e o artesanato demonstram uma nova visão de futuro e uma oportunidade de reabilitação.

Este artigo demonstrou como a moda e o artesanato podem ser poderosas ferramentas de transformação social em contextos de encarceramento. Ao adotar uma abordagem decolonial e relacional, os projetos "Mulheres Mil" e "Ponto Firme" promovem a reabilitação dos detentos, oferecendo-lhes uma nova perspectiva de futuro.

As reflexões apresentadas destacam a importância de integrar práticas de design participativo e colaborativo no desenvolvimento de soluções sociais inovadoras. A moda, enquanto fenômeno social e cultural, continua a ser um meio essencial para expressar identidades, questionar estruturas de poder e promover a justiça social.

Finalmente, é crucial que políticas públicas e projetos privados continuem a apoiar iniciativas que utilizem a moda e o artesanato como meios de reabilitação e reintegração social. Somente através de um compromisso contínuo com a inclusão e a justiça social podemos esperar criar um futuro onde todos, independentemente de sua história, tenham a oportunidade de prosperar.

Agradecimentos

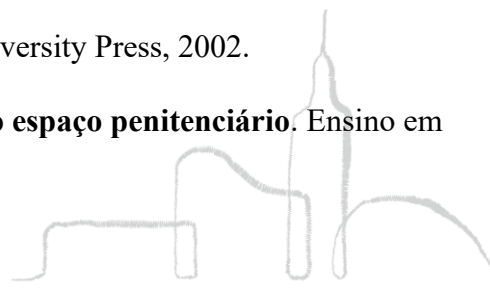
Esta pesquisa conta com apoio da FAPEMA, através da bolsa FAPEMA/2023 a 2025, a quem agradecemos.

Referências

BEZERRA, Isabella Lima. **A função da moda como referencial social no espaço penitenciário**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.

BENSTOCK, S.; FERRISS, S. **On Fashion**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2002.

BEZERRA, Isabella Lima. **A função da moda como referencial social no espaço penitenciário**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.



BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil** (5 de Outubro de 1988). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 12 jul. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 7.210**, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 21 jul. 2022.

COELHO, E. A. **A Moda e o Ser: Reflexões e Narrativas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

CONCEIÇÃO, M. C. **Moda e Identidade no Século XXI**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

DASSI, Maria Angélica Lacerda Marin Dassi. **A Pena de Prisão e a Realidade Carcerária Brasileira: Uma análise crítica**. 2007. Disponível em < http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/maria_angelica_lacerda_marin_dassi.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

FERREIRA, M. L. **Moda e Subjetividade: Ensaio sobre o Vestir-se**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUGONES, María. **Colonialidade e Gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

O PONTO FIRME. Direção: Kiko Goifman. Produção: Gustavo Silvestre. Brasil, 2019. 1 DVD (97 min), son., color. Documentário. Disponível em: <https://vimeo.com/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

POLHEMUS, Ted. **Street Style: From Sidewalk to Catwalk**. London: Thames and Hudson, 1994.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 107-130.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2007.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

